ORAÇAM FUNEBRE,

QUE DISSE O LICENCIADO ANTONIO da Sylva, Vigario do Arrecife:

NAS EXEQUIAS

DA SERENISSIMA PRINCESA

D. ISABEL LUISA JOSEPHA,

celebradas na Misericordia da Cidade de Olinda, aos 5. de Fevereiro de 1691.

POR MANDADO DO MARQUEZ de Montebello Governadòr da Capitania de Fernambuco, & suas annexas.

OFFERECE-A A' SENHORA

D. LUISA MARIA DE MENDOÇA, & EÇA,

Marqueza de Montebello.

(✠)

LISBOA.

Com todas as licenças necessarias.

Na Officina de MIGUEL MANESCAL, Impressor do S. Officio.

ANNO M. DC. XCI.

A' SENHÓRA DONA LUISA MARIA DE MENDOÇA, & EÇA,

Marqueza de Montebello, digniſſima eſpoſa do Senhor D. Antonio Felix Machado da Sylva, & Caſtro, Marquez de Montebello, do Concelho de S.M. ſenhor, & Donatario das terras, & Concelho de entre Homem, & Càvado, & das caſas de Caſtro, de Vaſconcellos, & Barroſo, & dos Solares dellas, Alcaide mòr de Mourão, Cõmendador, & Alcaide mòr das cõmendas, & Villas do Caſal, & Sexo, da Ordẽ de S. Bento de Aviz, & Governador de Pernambuco.

PARA a ſingular acção das Exequias, que o Senhor Marquez de Montebello celebrou na Igreja da Miſericordia de Olinda às ſaudoſas memorias da Sereniſſima Princeſa D. Iſabel Luiſa Joſepha, me tocou ſer o Orador: julgando-ſe ſerião as raſões, efficazes motivos para o ſentimento; ſendo q̃ a cauſa era mais poderoſa q̃ todas as raſóes. E ſem duvidar a quem offereceria eſte papel, q̃ então diſſe no pulpito, julguei, q̃ a V. Exc. preciſamente ſe devia: não ſó pelo Aſſumpto ſer Real, mas tambem, porq̃ foi V. Exc. a Autora deſte grande empenho. Porque a obrigação de acompanhar o ſenhor

Marquez a V. Exc. na magoa, foi huma das rasões para sahir a publico com este Monumento, que na grandesa, ostentação, & apparato com q̄ se levantou, se entendeo logo que V. Exc. influhia nelle como seu principio. E assi levou com publico applauso a gloria de ser singular entre todos os que até o presente no Brasil se levantàraõ.

Como em V. Exc. erão tão notorias as rasões deste cuidado, pelo amor com q̄ S. Alteza trattava a V. Exc. foi facil de alcançar, q̄ obrigada V. Exc. de finesas, era impossivel descuidarse de demonstrações. Tudo o que venero em V. Exc. saõ extremos: porque na vida de Sua Alteza soube V. Exc. introdusir na majestade amor; & na morte soube estẽder o amor àlem da sepultura.

Esta só acção bastàra a fazer grande a V. Exc. quando em V. Exc. se não achassem tantos testimunhos de sua grandesa, nos illustres brasões de seus progenitores, dos quaes V. Exc. renova as memorias nas preeminencias de suas grandes virtudes, sendo grande, não só pelos Avós, mas por si propria. As casas illustres costumavão conservar as imagẽs de seus progenitores para empenho de novas admirações: V. Exc. (Excellentissima Senhora) para obrar acções dignas da fama, basta ter-se a si comsigo. Por esta rasaõ se modéra a penna, não escrevendo elogios da nobilissima Familia, & Casa de Vossa Exc. & porque o breve deste papel não permitte,

que

que uſurpe as honras, que ſe devem ſó às Hiſtorias.

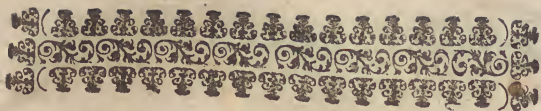
Reſta-me ſó pedir a V. Exc. ponha os olhos neſtes ſentimentos, que préguei em Pernambuco: que ſe pela obra não merecem attenções tão illuſtres, pela materia eſtão pedindo venerações muito relevantes. E ſe ao mundo conſtar que V. Exc. lhe poz os olhos; eſpero, que nelles ſe empreguem as viſtas de todos. A illuſtre peſſoa de V. Exc. guarde o Ceo com as felicidades, que V. Exc. merece.

Cappellão de V. Excellencia

ANTONIO DA SYLVA.

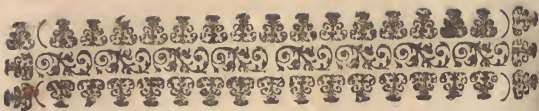
A' MORTE DA SERENISSIMA SENHORA Princesa de Portugal.

SONETO.

LA pompa, y los alientos muestra ufanos
La Princesa del campo esclarecida,
Mas siente a pocos passos de nacida
Breve la pompa, y los alientos vanos.
Nace la Aurora en rayos soberanos
Del ilustre solar ennoblecida;
Mas luego por el Cielo condusida
Desparece en sus nacares tempranos.
Oh como apenas se concede un hora
A la beldad! que poca vida encierra!
Y aun quando prodigios athezora!
Ser prodigio es la causa, que os destierra;
Y ansi subis al Cielo como Aurora
Si como flor caisteis en la tierra.

A' MOR-

A' MORTE DA SERENISSIMA SENHORA
Princesa de Portugal.

SONETO.

NACE la Roſa, quando ya blazona
De flores Reyna, en purpura veſtida:
Porque el honor, con que ſe ve nacida,
Aun ſiendo infante, le ofreció corona.
Oh muerta Infante, Roſa te pregona
El mundo; ſi a tus meritos devida
La corona faltó, logra ceñida,
No la que el mundo, la que el Cielo abona.
Reyna en el Cielo, y brilla enthronizada;
Pues quitando el triunfo al miſmo ſuelo,
Hizo el Cielo tu dicha antecipada:
Zeloſo el mundo ſienta el deſconſuelo;
Pues no fuiſte en el mundo coronada,
Porque te quizo coronar el Cielo.

EXEQUIAS DA SERENISSIMA SENHORA Princesa de Portugal celebradas em Pernambuco.

SONETO.

ESTA pompa, que ves, ninguem ignora
Ser thesouro Real, ó caminhante,
Da perola melhor, melhor diamante,
Que o Sol criàra, & produsira a Aurora.
Penhores saõ de huma Alma triunfadora
Que ao Ceo subio, em perfeições brilhante;
Prendas da fermosura de huma Infante,
Que o mundo admira, & Portugal adora.
Supposto em cinza fosse redusida,
Se lagrymas, & ardores podem tanto,
Que a diamântes, & perolas daõ vida:
Renace em nosso amor com novo espanto;
Que para em nosso amor ser renacida,
Tem incendios o peito, os olhos pranto.

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR Marquez de Montebello nas majestosas Exequias, que fez â Serenissima Senhora Princesa de Portugal.

SONETO.

DOS montes con grandeza relevante
Empeñan de la Fama la energia,
Flores el Pindo sustiniendo al dia,
Cargando estrellas a la noche Atlante.
Vos tambien Monte-Bello semejante
A los dos, aunque en rara jerarchia;
A quien vuestra obediencia sustenia,
Tomais a cargo en vuestra pena amante.
Oy vuestro amor, vuestra obediencia llora
En urna funeral la Infante Bella,
Que de la tierra, ya en el Cielo mora.
Y ansi mostrais tener a cargo aquella,
Que el Cielo estima, y que la tierra adora
Flor en la vida, y en la muerte Estrella.

D. L. F. D. T.

A' SENHORA D. LUISA DE MENDOÇA, & Eça, Marqueza de Monte-Bello, &c. pelo tumulo que em Pernambuco em ſeu nome erigio o Senhor Marquez à Sereniſſima Princeſa D. Iſabel Luiſa Joſepha.

SONETO.

A TERRA, o mar, o Ceo, a noite eſcura;
Redendo à voſſa mágoa o ſeu cuidado,
No tumulo, que ergueſtes ſublimado,
Servíraõ de liſonja à dor mais pura;
A terra deu os montes para a altura,
Para eſmaltes a prata o mar ſalgado,
Para as tochas a luz o Ceo tem dado
Deu para o mais a noite a cobertura;
Deſpem-ſe com raſaõ, neſta triſteſa
A terra, o mar, o Ceo, a noite eſcaça,
Porque na morte de Iſabel illuſtre
Tudo perdeo o ſer, tudo a grandeſa;
A terra o mais ſublime, o mar a graça,
A noite a cor, o Ceo todo ſeu luſtre.

D. L. F. D. S.

ZENI

VENI DE LIBANO SPONSA MEA, veni de Libano, veni coronaberis. Ex Cant. cap. 4.

UEM havia de diser (ò ramo illuſtriſſimo do tronco mais eſclarecido, ò admiravel ſimulacro da fermoſura mais peregrina, ó diſcrição mais ſoberana entre os juiſos mais levantados:) quẽ havia de diser, que celebrando eu os applauſos do voſſo naſcimento no Templo do Salvador, torne agora a prègar as lagrymas das voſſas exequias na Igreja da Miſericordia? Grande laſtima, que viva mais quem diz os louvores, que quem os merece! Porèm eſtas meſmas circunſtancias nos podem enxugar o pranto: porq̃ a quem teve o Salvador no berço, não podia faltar a Miſericordia no tumulo. Entraſtes no mundo aſſiſtida de Reys; ſahiſtes da terra acompanhada de virgẽs. Eſta foi a eſtrella, que vos dominou naquelle, & neſte dia: naquelle, para ſerdes applaudida entre os homẽs: neſte, para ſerdes celebrada entre os Anjos; & neſtes dous concurſos tão ſoberanos, bem ſe deixou venerar a voſſa eleição, pois puderaõ comvoſco mais as virgẽs para vos levar, que os Monarcas para vos attrahir. Hum, & outro dia foi de admiraçaõ ao mundo todo: o primeiro pela grandeſa da materia; o ſegundo pelo exceſſo do ſentimento. Porèm, ó alma por tantos titulos glorioſa! ſe no Ceo vos cantão parabẽs as virgẽs, pelas virtudes com que as ſeguiſtes; permitti que na terra ſe oução ſuſpiros, pela dor com que nos deixaſtes.

Naõ era poſſivel, que duraſſe muito no paço a noſſa ſoberana Princeſa: porque as meſmas prendas com que naſceo, forão as propenſões para acabar. Os Anjos não tiverão mais via, que hum inſtante: As Eſtrellas naõ tem mais luſimen-

to, que em huma noite: O Sol naõ dà mais passos, que em hum só dia: porque a mesma majestade no Sol, a mesma fermosura nas Estrellas, a mesma discrição nos Anjos, por secreta disposição da Providencia, logo pàra no termo, logo encontra o fim, logo se sepulta no occaso. Desta verdade tão mal entendida no mundo deu a rasaõ Salamão: *Extrema gaudii occupat luctus*. Quem na terra chegou a ser extremo para o gosto, *extrema gaudii*, logo declinou a ser desengano para o luto: *occupat luctus*. Esta mesma pensão pagaõ os montes; como nascèraõ mais altos, mais pomposos, & mais celestes, nelles se empregaõ primeiro os rayos para os desfaser: *Feriunt summos fulmina montes*.

Prov. 14.

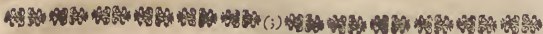
Senec.

Esta tambem foi a causa, porq̃ vendo Deos no Libano, ou na corte de Jerusalem hũa Alma adornada de perfeições singulares, logo a tirou do paço, para se desposar com ella no Ceo: *Veni de Libano sponsa mea*. Perfeições admiraveis, não se formàraõ para a duração, compuseraõ-se para a eternidade. E assi, ò majestades, ò grandesas, ò prendas, acautelai-vos: que esses extremos com que vos sublimou a naturesa, naõ differem do fim com que vos ameaça o tempo. Porém adverti, que se vos chama Deos: *Veni*; não he para a ruina, senaõ para o premio: não he para o estrago, senão para o descanço: não he para o esquecimento, senão para a coroa: *Coronaberis*.

Com esta vos considero, ó espirito soberano, logrando o fructo de vossas grandes virtudes nesse palacio da Divindade. Vòs fostes outra Alma do Libano, cujas perfeições singulares tanto obrigáraõ ao Rey da Gloria, que naõ sò vos deu a mão de esposo: *Veni sponsa*; mas tambem vos offereceo a coroa do seu Reino: *Coronaberis*. Na terra ereis Princesa pelo estado; jà agora vos venero Rainha pela coroaçaõ. Por isso vos assistìraõ no dia dos vossos desposorios, não as damas do Paço que deixastes, mas milhares de virgẽs do palacio a que subistes. E se em tão levantado, & sublime solio vos cõtemplo, bem podeis começar jà a ser invocada dos nossos votos: *Votis assuesce vocari*: pedindo a essa mayor Senhora

do

do Ceo, & da terra, que ſendo Virgem foi Mãy da graça, me aſſiſta com ella para louvar voſſas virtudes, & para encarecer noſſas ſaudades. AVE MARIA.

(5)

Veni de Libano.

SE o meſmo foi ver Deos a Alma do Libano adornada de perfeições, & virtudes ſingulares, que chamalla logo do paço para ſe deſpoſar cõ ella no Ceo: *Veni de Libano ſponſa*; que admiração nos pòde cauſar eſcolher o meſmo Senhor do palacio de Portugal a noſſa ſoberana Princeſa para ſer eſpoſa ſua? Na de Jeruſalem reſplandecião, entre os mais, tres extremos admiraveis, por iſſo a chamou Deos tres veſes, diſſe Caſiodoro: *Per trinum, veni, trinum profectum ſignificat*. O primeiro era o illuſtre da geração, como filha do Principe daquella corte: *Filia Principis*. O ſegundo, o ſingular da fermoſura com que ſe faſia agradavel toda: *Tota pulchra*. O terceiro, o ſublime da diſcrição, com que cattivava os que a ouvião: *Eloquium tuum dulce*. E ſe eſtas forão as tres prendas, que obrigàraõ a Deos a chamar logo da corte de Jeruſalem aquella Alma: *Veni de Libano*; eſtes forão tambem os tres dotes, com que enriqueceo liberalmente a natureſa à noſſa Princeſa. No ſangue, illuſtriſſima, como filha de tão ſoberano parto; na fermoſura, milagre de toda a Europa; na diſcrição, gala de toda a corte. Logo ſe huma, & outra erão tão parecidas nas prendas, que muito, q̃ ambas foſſem bem parecidas a Deos? Eſte he o ſentido das palavras, que eſcolhi por aſſumpto, no parecer de grandes Padres; os quaes entendem pela Princeſa de Jeruſalem, qualquer alma pura, & ſanta, a quem offerece Deos a coroa da Gloria, para a livrar dos perigos, & deſgraças deſta vida: *Significatur hìc* (diz Santo Auguſtinho, & Santo Ambroſio) *ſignificatur hìc evocatio animæ ſanctæ è periculis, tentationibus, & ærumnis hujus vitæ ad cæleſtem coronam, & gloriam*. E ſe

Caſiodor. Cornel. in Cant.

Auguſt. Ambroſ.

se qualquer alma se figura na Princesa do Libano, com mayor propriedade serà neste dia huma Princesa representaçaõ de outra Princesa.

Porém, Senhor, essa he a rasaõ do nosso sentimento, por não diser da nossa queixa. De huma çorte tão dilatada como a de Jerusalem, de hum palacio tão grandioso como o de Portugal, logo escolhestes o melhor, logo lhe levastes as Princesas, & nellas a mayor soberania, a mayor fermosura, & a mayor discrição? Si, diz Deos: quero que conheção os homẽs, que a mayor soberania he a mais caduca; a mayor fermosura, he a mais fragil; a mayor discrição, he a mais perigosa. E assi, parecendo injusta esta ley da providencia, he justissima a providencia desta ley. Porque se o soberano durasse, se o galhardo permanecesse, se o discreto não perigasse; o humano teria cultos de divino, o mortal teria respeitos de eterno, o terreno teria adorações de infinito. Pois para que não prevalecção enganos tão mal julgados, appareça a mayor soberania, & desappareça; resplandeça a mayor fermosura, & sepulte-se; admire a mayor discrição, & eclipse-se. Por isso com repetidas experiencias nos està advertindo a mesma naturesa, que aõde os extremos saõ mais admiraveis, ahi saõ os perigos mais evidentes: *Quidquid ad summum pèrvenit, ad exitum properat*, disse Seneca. Melhor o disse Santo Ambrosio falando nesta materia: *Sæculum vos habere meruit, tenere non potuit*. Pode o mundo formar gerações illustres, adornar bellezas singulares, applaudir discrições raras; porèm conservallas para a duração, não pòde: *Tenere non potuit*. E assi, a mais fiel balança para pesar o illustre das gerações, o raro das fermosuras, o singular das discrições, he o pesar com que nos deixa. Comecemos pois pela nobresa.

Senec.
Ambros.

Atègora conhecião-se as qualidades por arvores; erão mais sublimes as que se representavão em troncos mais levantados; de hoje por diante hão-se de medir pelos tumulos. Aquella que com mais preça corre para elle, essa com mayor preço se eleva sobre todas. Como os extremos mayores saõ

os

os que mais perigão, pela brevidáde da duraçaõ se conhecem melhor os extremos mayores.

Quiz o Profeta Isaias encarecer a geraçaõ eterna, & temporal de Christo, (como diz Santo Augustinho) & reparei na causa, que apontou, para ser admiravel: *Generationem ejus quis enarrabit? quia abscißus est de terra viventium.* A geração de Christo he tão excellente, & soberana, que sò se pòde admirar, & não se pòde diser: *Quis enarrabit?* porque logo se apartou da terra dos viventes: *Quia abscissus est de terra viventium.* Meu Profeta, que dizeis? A geração de Christo não he admiravel pelos principios que teve, senão pelo pouco que durou na terra: *Quia abscißus est de terra viventium?* Referi as grandesas do Pay, & logo se conhecerà o illustre do Filho em quanto Deos; recorrei ao sangue de David, & logo declarareis a nobresa de Christo em quanto homem; porèm de tudo vos esqueceis, & só falais no pouco que viveo no mundo? Si, que as gerações admiraveis não se devem declarar pelos troncos, só se devem medir pelos tumulos. Como os extremos mayores saõ os que mais perigão, pela brevidade da duração se conhecem melhor os extremos mayores: *Generationem ejus quis enarrabit? quia abscissus est de terra viventium.*

Isai. 53.

Com este notavel attributo quiz Deos desenganar o illustre das gerações do mundo; pois conhecendo-se tudo pelas suas causas, quer que a nobresa se conheça pelo seu fim. E para que melhor se persuadissem os homẽs a este desengano, poz o exemplo no mesmo Christo, em quem se medio pela brevidade da vida: *Abscissus est de terra viventium*, a nobresa da geraçaõ: *Generationem ejus quis enarrabit?*

E que mal entendeo esta politica natural aquelle Juiz, q̃ condennou a Christo à morte! Diz S. Marcos, que se admiràra Pilatos de que morresse o Senhor tão cedo: *Mirabatur, si jam obiißet.* De que te admiras homem? Pões a Christo huma majestade sobre a cabeça: *Posuerunt super caput ejus, Rex Iudæorum*, & queres que viva muito? Isso não pòde ser; porque essa mesma majestade, se foi caracter

para

para a nobresa, foi termo para a duração.

Oh que senaõ tivera o entendimento cego Pilatos, a mesma pressa com que Christo expirou, havia de ser causa para o adorar como Filho de Deos! Porque velocidades no acabar, ou se achão em gerações mais que humanas, ou se executaõ em majestades quasi divinas.

Esse foi o grande acerto em que rompeo o juiso do Centuriaõ. Vio a Christo expirar clamando, & logo affirmou cõ toda a verdade que era Filho de Deos: *Videns autem Centurio, quia sic clamans expirasset, ait: Verè hic homo Filius Dei erat.* Pois Centuriaõ, que viste em Christo para dizeres que he divino na geraçaõ? Viste, & ouviste tantos prodigios, que fez em sua vida, & só agora na morte lhe chamas Filho de Deos: *Verè hic homo Filius Dei erat?* Si, diz o Centuriaõ; porque pelo clamor, tinha ainda Christo forças para extender a vida; & pelo expirar, conheceo a pressa cõ que o buscava a morte; & a morte só busca com pressas a quem he divino na geraçaõ: *Verè hic homo Filius Dei erat?* He verdade, que o Centurião vio a Christo obrar grandes prodigios, & grandes milagres; porèm para conhecer o sublime da geraçaõ, pode mais a pressa da morte, que os milagres da vida. Tudo disse S. Marcos no modo com que o disse: *Videns autem Centurio, quia sic clamans expirasset, ait: Verè hic homo Filius Dei erat.* O mesmo disse Hugo Cardeal: *Hominem, & Deum confitetur Centurio, audito clamore Jesu.*

Marc. 15.

Hugo.

E he esta verdade taõ infallivel, que quando o soberano, & illustre nasce, jà tras comsigo prognosticos para não durar: porque saõ tantos os titulos, as majestades, as grandezas, com que se illustraõ, que não he possivel sustentar o peso dellas sem cahir. Hum só titulo que puseraõ a Christo na Cruz: *Erat titulus*, logo lhe fez inclinar a cabeça para entregar o espirito: *Inclinato capite, tradidit spiritum.*

Agora se entenderà hum difficultoso Texto de David. Dizia este Profeta grande, & grande Rey, que os mais homẽs morriaõ, porèm que os Principes cahiaõ: *Vos autem sicut*

Psal. 81.

cut

cut homines meriemini, & sicut unus de principibus cadetis. Pois se os Principes tambem saõ homẽs, porque naõ morrem como os mais homẽs os Principes? Os mais haõ de morrer, os Principes haõ de cahir? Si; porque o peso das coroas, das grandesas, dos titulos, das majestades, he taõ grande, q̃ dà com elles em terra: *Cadetis*. O que nos mais homẽs he morte pela desunião da alma, nos Principes he queda pela carga dos titulos. Bem se conhece esta verdade no Sol Principe das esferas, no qual o sepultarse nas ondas não se chama morrer, senão cahir: *Occidit Sol*. E se hũa só coroa, huma só majestade, hum só titulo basta para inquietar os Atlantes mais heroicos; tantas majestades, tantos titulos, tantas coroas, que nos ascendentes da nossa Real Princesa concorrèraõ para a sua formação, como em tão verdes annos a não farião cahir? *Cadetis*. Oh, que bem se pòde repetir agora o que disia Lucano da Princesa das cidades do mundo, Roma, antes das guerras civis de Julio, & Pompeo! *Summisque negatum stare diu, nimioq́ graves sub pondere lapsus*. Esta he a queixa que tinha Seneca contra a fortuna dos Principes, & este he o engano em que vivem os Principes com a sua fortuna; cuidaõ que a fortuna levanta para engrandecer, & a fortuna só engrandece para ver çahir: *Quidquid in altum fortuna tulit, ruitura levat.* *Seneca.*

Esta a rasaõ geral, porque as Altezas do mundo não duraõ; porèm na nossa inclyta Princesa descubro outra rasaõ muito particular. E he, que como foi a joya que Deos deu a Portugal de Reys no anno de 1669. para sustentar a esperança do Reino, & para segurar o remedio da succeçaõ que faltava; tanto que o Reyno se vio com o remedio seguro, & com a successaõ satisfeito com o felicissimo nascimento do nosso soberano Principe D. Joaõ; tornou a restituir a Deos a prenda que tinha recebido. E parecendo merecedora de lagrymas esta restituiçaõ, para Portugal he digna de acclamações; porque a entregou com melhores esmaltes, & mais preciosos adornos, do que os com q̃ a aceitou: porque se a recebeo entre coroas de Monarcas, restituhio a entre pal-

mas

mas de Virgẽs: & muito mais agràda a Deos ver palmas nas mãos, que coroas nas cabeças.

Dous concursos diversos vio S. Joaõ, que assistiaõ no Ceo a Deos diante do throno em que estava : *Stabant ante thronum*; hum tinha nas cabeças coroas: *In capitibus coronæ aureæ* ; outro tinha palmas nas mãos : *Et palmæ in manibus eorum*. Porèm logo diz o Evangelista, que o das coroas as lançavão aos pés do throno : *Mittentes coronas ante thronum*; & naõ diz, que o das palmas as lançavaõ da maõ. Pois se nas coroas lançadas protestavão aquelles espiritos o seu rendimento, & a sua vassallagem , porque naõ fasem o mesmo os que tem as palmas ? Quer Deos que as palmas se cõservem nas mãos de quem as logra , & não quer que as coroas permaneçaõ nas cabeças de quem as possue ? Si; porque mais se agrada Deos de ver palmas nas mãos , do que de ver coroas nas cabeças : *Mittentes coronas : & palmæ in manibus eorum* . A rasaõ natural he, porque as coroas saõ symbolos do poder, as palmas saõ anagrammas da virtude; & diante de Deos só a virtude leva a palma : *Et palmæ in manibus eorum*.

Apocal. 4. 4.

Apocal. 7. 9.

Porèm, ò espirito soberano, tudo junto lograstes no vosso ultimo dia : porque se da terra sahistes com a palma na mão como virgem ; no Ceo se vos poz a coroa na cabeça , como a esposa ; porque como no sangue illustre ereis qual a filha do Principe de Jerusalem : *Filia Principis*; do paço vos chamou Deos tambem para se desposar comvosco no Ceo: *Veni sponsa*; & para vos pòr na cabeça a coroa , q̃ naõ chegastes a lograr na terra : *Coronaberis*.

Não està menos longe do perigo a fermosura do que a nobresa ; porque se aquella, pela grandesa, & titulos he peso q̃ faz cahir; esta, pela fragilidade he achaque que faz acabar: *Morbi, & temporis ludibrium* lhe chamou o Nisseno : zombaria das enfermidades, & do tempo . Por isso foi o mesmo ver Deos a grande fermosura da Princesa do Libano , *tota pulchra*, que chamalla logo do paço para deixar a corte: *Veni*: dando-nos a entender , que as fermosuras mais celebradas,

Orat 31.

bradas, ſaõ para a vida mais perigoſas.

No principio do mundo em hum pomo poz Deos a morte: *Inquocunque die comederis ex eo, morte morieris*. Pois no frutto de huma arvore ha de ter a morte o ſeu apoſento? Si; que eſſe frutto era o mais fermoſo para os olhos: *Pulchrum viſu*; & aonde a fermoſura reſplandece, ahi he que a morte ſe apoſenta: *Pulchrum viſu: morte morieris.*

Gen. 2. 17.

Quem havia de diſer, que a morte, & a fermoſura, ou tem as meſmas raizes, ou tem o meſmo tronco, ou ſe criàraõ no meſmo berço? Por iſſo, qual Jacob, & Eſau, andão ſempre abraços; & por iſſo foi eſſe o primeiro pomo que ſe colheo: *Tulit*; porque como era o mais bem parecido, havia de ſer o primeiro cortado: *Tulit*. Não era poſſivel que duraſſe muito na arvore pomo, em que ſe eſmerou a Natureſa tanto: *Tulit de fructu illius.*

Com grande propriedade ſe chamou a primeira filha de Job Dia: *Appellavit nomen unius Diem*; porque como era entre todas a mais elegante, & precioſa: *In pulchritudinis gloria primas tenuit*, diſſe hum Expoſitor, ao mais precioſo, & ao mais elegante ſó ſe lhe contaõ as horas, como o dia: *Appellavit Diem*. E o meſmo Texto ſagrado, quando lhe quiz encarecer as perfeições, lhe cortou os lutos; porque não lhe chamou primeira, ſenão unica: *Nomen unius*; & ſer unica na fermoſura, he ſer dia na duração: *Appellavit Diem.*

Iob. 42. 14

Celad. in Ruth. c. 1. v. 9.

Muitos cuidão q̃ as fermoſuras tem o ſeu perigo nos ſeus contrarios; eu creyo, que em ſi tem ellas os ſeus contrarios, & o ſeu perigo. Os contrarios das fermoſuras ſaõ a idade, o tempo, os achaques, & a morte: & ſendo qualquer deſtes forçoſo para as abreviar, ellas meſmas ſaõ muito mais poderoſas para ſe deſtruir. Não correm para a ſepultura as belleſas, porque as levão; correm, porque ellas ſe inclinão. He tal a contextura daquella admiravel ſymmetria, q̃ as meſmas partes, que as faſem peregrinas, as faſem mortaes.

Quem havia de diſer, que no Sol as meſmas qualidades que o compõem viſtoſo, ſaõ os accidentes que no occaſo o deſmayaõ triſte? O meſmo movimento que o leva ao mais

alto ponto para ser assombro dos Astros, o precipita no mais infimo tumulo para ser cadaver das luzes.

Notavel foi o caso que succedeo a Jephte famoso General de Israel. Prometteo a Deos de lhe sacrificar a primeira cousa que encontrasse de sua casa, se tivesse victoria dos Ammonitas: *Quicunque primus fuerit egressus dè foribus domus meæ, mihique occurrerit revertenti, eum holocaustum offeram Domino*. Recolhe-se triunfante, & no caminho lhe sahe ao encontro correndo a filha unica que tinha: *Occurrit ei unigenita filia*. Pois de tudo quanto Jephte tinha em sua casa, logo a filha foi a primeira que correo para o sacrificio? Si; porque como era fermosissima (como diz Josepho) & unica, como diz o Texto, as mesmas prendas a arrebatàraõ para a morte: *Occurit ei unigenita filia*. Não foi necessario que os contrarios a levassem ao fim; por ser unica na fermosura a condusio ao tumulo: *Occurit*. Assi como o illustre cahe pelo peso das grandesas, q̃ o inclina; assi o gentil perece pela fragilidade das perfeições que o arrebata: *Occurrit ei unigenita filia*.

Judic. 11, 31.

Ibid. 34.

Villaroel. in Iud. c. 11.

Até no Ceo parece que se experimentou esta verdade: porque havendo de encarnar, & morrer huma das tres Divinas Pessoas, o Filho foi o que se fez homem: *Verbum caro factum est*. Pois porque mais o Filho que o Pay, ou o Espirito Santo? Esta duvida levantou hum grande engenho, que hoje illustra o Brasil, & deu rasaõ que satisfez a todos; eu direi o que deu a entender David. Disse que o Filho he a fermosura do Pay: *Species decòris ejus*, & aonde resplandece a fermosura, ahi se àta a mortalidade. E para concluir o meu pensamento, reparem no que diz o mesmo David. Affirmou, que o Verbo Divino por inclinaçaõ se fisera homem: *Inclinavit cælos, & descendit*; porque a fermosura por si se inclina a ser mortal: *Inclinavit cælos*.

Ioann. 1.

Psal. 17. 10.

E se no solio mais alto da mesma divindade teve lugar esta inclinaçaõ tão terribel; como a deixaria de ter no docel mais sublime da mesma fermosura?

Oh extremos do mundo, ò gentilesas da terra! Não vos desva-

desvaneça a primavera dos annos, não vos engane o lusido da pompa, naõ vos engrandeça o singular das prendas: porque nessas prendas, nessa pompa, & nessa primavera se dissimula, se esconde, & se disfarça o vosso perigo, o vosso desmayo, & o vosso eclipse. Entre as rosas insensiveis, disem, que se esconde o aspid, que dà morte a quem as contempla: porèm entre as rosas animadas occulta-se a mesma inclinação, que lhe corta, & lhe incurta a vida. Por isso Seneca lhe chamou, ou dom de breve tempo, ou bem de pouca dura: *Exigui donum breve temporis, celeri pede laberis.* *Seneca.*

Porèm o que no nosso caso me admira, naõ he a pressa cõ que as fermosuras pendem para o tumulo: o que nos deve admirar a todos, he que essa mesma inclinaçaõ que em todas he desgraça, na nossa Real Princesa parece que foi eleição: porque muito antes que os Medicos lhe mandassem applicar o santo Sacramento da Uncção, ella o pedio, & com summa reverencia, & devoçaõ o recebeo a 7. de Outubro faltando-nos aos 21. do mesmo mez. Oh raro despego da vida! Oh singular conhecimento da morte! Tão unida com Deos estava aquella alma, tão desenganado das grandesas estava aquelle espirito, que quiz fosse eleiçaõ da sua vontade, o que em todos costuma ser advertencia dos que assistem. Na doença guardou sempre o conselho dos Medicos para a saude; para a salvaçaõ não aguardou dos Medicos o conselho. Como aquelle Sacramento he o primeiro sinal da morte, quiz que devesse Deos à sua eleição aquelle ultimo desengano da vida.

Diz S. João que Christo duas vezes se dera a conhecer no Horto aos ministros de sua prisaõ: *Iterum ergo interrogavit eos: quem quæritis? Ego sum*. E que entaõ prendèraõ ao Senhor: *Comprehenderunt Iesum*. Pois isto como póde ser? Se Judas tinha dado sinal para a prisaõ: *Quemcunque osculatus fuero, ipse est, tenete eum*; porque não prendem os ministros a Christo depois do sinal de Judas, senão depois que ellé se deu a conhecer? Oh finesa singular de Christo para com os homẽs! A prisaõ em Christo era o primeiro sinal

Ioan. 18. 7.
Ibid. 12.
Matth. 26. 48.

nal

nal da morte: & esse o ultimo desengano da vida, quiz Christo que lho devessem os homẽs a elle, & não a outrem: *Ego sum.*

Oh rara, & singular fermosura da terra! Sò vòs soubestes imitar a mayor fermosura do Ceo; pois fisestes por Christo no fim da vossa vida, o que Christo fez por todos os homẽs no principio da sua morte. No principio de sua morte Christo não esperou que o prendessem, elle mesmo se offereceo para dar a vida: *Ego sum.* E vòs no fim de vossa vida, não esperastes que vos desenganassem, vós vos desenganastes, pedindo o Sacramento. Neste desengano me parecestes o Sol da fermosura; porque, como Sol, conhecestes o vosso occaso: *Sol cognovit occasum suum.* Com esta ultima finesa soubestes adornar a vossa fermosura com tanta graça, que o mesmo Deos vos chamou fermosa de todo: *Tota pulchra*; & por isso vos tirou do paço com tanta pressa, *veni*, para vos dar a coroa do seu Reino no Ceo: *Coronaberis.*

Psal. 103. 19.

E se as nobresas, & se as fermosuras tem em si o perigo para não durar; a discrição que segurança pòde ter para persistir? Esta he a prenda mais fragil, com que nos enriquece a naturesa: Não sei se por estranha na terra, se por natural do Ceo. Sò sei que o mesmo foi conhecer Deos na filha do Principe do Libano, pela doçura das palavras o fino do entendimento: *Eloquium tuum dulce*, que tiralla do paço para se desposar com ella no Ceo: *Veni de Libano*; dando-nos a entender, que as discrições mais applaudidas, saõ na duração menos seguras.

Quando Christo descubrio a S. Pedro o martyrio, que havia de padecer: *Alius cinget te*, logo S. Pedro lhe perguntou pela morte, com que S. João havia de acabar: *Hic autem quid?* Pois Pedro, senão perguntais pela morte dos mais Apostolos, que cuidado vos dà a morte de Joaõ? Joaõ he o mais moço de todos: perguntai pela morte dos mais velhos. Isso não, diz S. Pedro: que ainda que Joaõ seja de menos annos, he Aguia no entendimento: & para a morte os mais entendidos saõ os primeiro lembrados: *Hic autem quid?*

Ioan. 21. 18.
Ibid. 21.
Ita Clemẽs Alex.

Dos

Dos ultimos filhos de Jacob foi Joseph: & como se remontou aos mais no juiso, foi o primeiro destinado para a sepultura: *Venite, occidamus eum.*

Gene∫. 37. 20.

Não sei, que contrariedade tem o juiso, & a vida, q̃ nem tregoas consentem entre si, sempre andaõ em guerra continua. Muitos cuidão, que para viver não ha cousa melhor, q̃ o entendimento: porèm o melhor entendimento julgou o contrario. Conhecer muito, he principio para durar pouco: Se Achitofel ignorara a politica de Absalam, elle não perecèra taõ desgraçadamente.

Depois que Adão comeo do pomo da sciencia, logo o lançou Deos do Paraiso, para que naõ tocasse na arvore da vida: *Ejecit eum Dominus de Paradiso, ne mittat manum, & sumat de ligno vitæ, & vivat in æternum.* Pois porque gostou do pomo da sciencia, naõ ha de tocar na arvore da vida? Não; porque Adaõ gostou daquelle pomò para saber mais, & saber mais, atè no juiso de Deos he durar menos: *Ne sumat, & vivat.* Adaõ com o juiso natural que Deos lhe deu, havia de viver eternamente: quiz ter mais juiso comendo o pomo da sciencia, & não só perdeo a eternidade da vida, mas tambem incorreo em pena de morte: *In quocunque die comederis, morte morieris.*

Gene∫. 3. 22.

He taõ forçosa esta proposiçaõ que vou provando, q̃ atè no insensivel se conhece a força della. Só o nome de juiso basta para inclinar à morte a quem nenhum juiso, nem sentido tem, nem pòde ter. Diz a Escrittura sagrada, que o Rio Jordão corre para o mar morto: *Descendit ad mare solitudinis, quod nunc vocatur mare mortuum.* Notavel advertencia da Escrittura! Que importa, q̃ o Jordão corra para este, ou aquelle mar? He necessario que nos diga, que se precipita no mar morto: *In mare mortuum?* Si; que como este nome, Jordão, significa juiso, he tal a força delle, que atè o insensivel inclina para a sepultura: *Descendit ad mare mortuum.* Naõ sei se esta serà a causa, porque ao dia em que se ha de acabar, & consumir tudo, se chama dia de juiso: porq́ com juiso nada dura.

Iosue 3. 16.

E se

E se do insensivel passarmos ao immortal, havemos de achar semelhanças desta verdade. Fala S. Joaõ no Verbo Divino, & diz, que nelle està a vida; *In ipso vita erat.* Pois he necessario que nos diga o Evangelista, que a vida està no Verbo Divino? O Verbo naõ he Deos? Não he huma Pessoa Divina? Assi o cremos, & devemos crer todos. Pois se Deos he a mesma vida, porque nos diz S. Joaõ, que està a vida no Verbo: *In ipso vita erat*? Oh! Reparem, que ao Verbo se attribue o entendimento por virtude da sua processaõ: & como vida, & entendimento naõ se conservão, foi necessario a S. Joaõ diser, que sendo o Verbo entendimento tinha comsigo a vida: *In ipso vita erat.*

Ioan. 1. 4.

He tão certo ser a vida contraria ao entendimento, que atè em huma Pessoa Divina foi necessario a S. João diser, que sendo entendida, estava vivendo: *In ipso vita erat.* Cremos por fé do Evangelho no Verbo a vida: porque fóra da fé, parece impossivel vida, & entendimento; por isso prégando Christo disia sempre, que nelle estava a vida, & que a vida era elle mesmo: *Ego sum resurrectio, & vita: Ego sum via, veritas, & vita.*

Oh que grande disculpa tem para o nosso sentimento a morte presente! Porquè se para crermos atè no divino, vida, & entendimento, he necessario, que hum Evangelista o affirme: se o mesmo Deos estorvou no primeiro homem Saber, & durar: como era possivel q̃ na nossa Serenissima Princesa se vissem com amisade estes dous contrarios, durar, & saber?

Em muitas acções se conheceo na corte a discriçaõ & juiso com que a naturesa, & a arte a adornou. Porèm o que admirou a todos, foi a prudencia, & raro talento, com que se houve depois que entrou no paço a Rainha nossa Senhora. Porque conservaremse duas grandesas com igual fortuna no mesmo palacio juntas, & conformes, ou he maravilha dos juisos, ou milagre da creaçaõ: *Admirabilius existimandum est, quòd mulieribus duabus in eàdem domo pari fortuna nullum certamen, nulla contentio est*; disse Plinio do palacio de

Plin. in Paneg. Trajan.

Empe

Emperador Trajano, aonde com igual majestade assistiaõ a Emperatriz, & a irmã do Emperador: entre as quaes o amor, o trato, a correspondencia eraõ tão admiraveis, q̃ sendo duas, erão hũa, & sendo diversas, não parecião duas. E a rasaõ desta maravilha singular era a discrição, & o juiso, com q̃ ambas se imitavão entre si, & cada qual imitava ao Emperador: donde nascia ter cada hũa os mesmos costumes, porq̃ ambas tinhão os de Trajano: *Te enim imitari, te subsequi student: ideo utraque eosdem mores, quia utraque tuos habet.*

Assi falou Plinio do palacio de Roma no tempo, em q́ assistia nelle a Emperatriz, & a irmã de Trajano. Isto mesmo posso eu affirmar do palacio de Portugal, em quanto assistio nelle a Rainha nossa Senhora, & sua Alteza.

Porèm essa mesma discriçaõ, esse mesmo entendimento, q̃ a fez admiravel no paço, a fez juntamente agradavel a Deos: *Eloquium tuum dulce*: por isso da Corte a chamou para se desposar com ella no Ceo: *Veni sponsa*; & para lhe pór na cabeça a coroa, que mereceo na terra: *Coronaberis.*

Estes foraõ os tres dotes, ou as tres graças, com que a naturesa enriqueceo a nossa soberana Princesa: nobresa, fermosura, & discriçaõ; & porque com ellas se fez tão agradavel ao Reino todo, por isso sem ella ficou todo o Reino tão sentido.

Porèm as perfeições, as virtudes, & as prendas; q̃ adquirio nos annos, em q̃ viveo, não tiveraõ numero. Sem duvida, q̃ o primeiro dia do seu nascimento, & o ultimo de sua vida influiraõ nella as grandes singularidades, com q̃ resplandeceo. E se fora possivel escolher cõpanhias para entrar, & para sahir do mũdo, ninguẽ escolhèra melhores: porq̃ para entrar na terra, não ha melhor cõpanhia q̃ a dos Reys, & para sahir della, não ha melhor sequito, q̃ o das virgẽs. Deste sequito, & desta companhia aprendeo a nossa Real Princesa as politicas, & virtudes, que a fiseraõ applaudida na Corte, & celebrada no Ceo.

Entre as prendas, foi singular na erudição das linguas: falava quatro da Europa: Portugueza, Castelhana, Franceza,

Italiana com tanta perfeição, q̃ máis parecião naturaes, que adquiridas. Nas artes, com q̃ ſe crião as Princeſas, ſe eſmerou para as poder enſinar. Se a gravidade, o decoro, a majeſtade dominava a todos, o agrado, a benignidade, a clemencia a todos ſatisfaſia. Era em extremo compaſſiva dos q́ via padecer em qualquer materia, ou da honra, ou da ſaude, ou da deſgraça. Oh eſpirito glorioſamente creado para os ſceptros, para as coroas, & para as majeſtades! Animo, que ſe compadece do que ſe padece, he animo generoſo, he animo real, he animo quaſi divino.

Prognoſticou Jaçob ao ſeu quarto filho Judas a coroa, & o ſceptro do Reino de Iſrael: *Non auferetur ſceptrũ de Iuda.* E porque, ſendo Judas o quarto filho, ha de levar o Reino, q̃ ſe deve ao primogenito? A raſaõ he do Texto. Porq̃ nos males de Joſeph ſó Judas ſe compadeceo: *Quid nobis prodeſt, ſi occiderimus fratrem noſtrum?* E animo que ſe compadece do que ſe padece, he animo creado para as coroas, para as majeſtades, & para os ſceptros: *Non auferetur ſceptrum de Juda.*

Geneſ. 49. 10.

Geneſ. 37. 26.

Eſte foi o animo da noſſa generoſiſſima Princeſa, em tudo grande, em tudo ſoberano, em tudo quaſi divino, & por iſſo merecedor dos ſceptros, das coroas, & das majeſtades: não ſó pelo que herdou como filha, mas pelo que obrava como compaſſiva: *Sola Deos æquat clementia nobis.*

Se eſtas foraõ as qualidades reaes, que influhio a eſtrella dos Magos na noſſa Princeſa quando entrou no mundo, muito mais ſublimes foraõ as virtudes, que aprẽdeo das Virgẽs, com que ſahio da terra. Dellas ſem duvida lhe naſceo o affecto, & particular inclinação, com que venerava as imagẽs da primeira Virgem, & mayor Senhora do Ceo, & da terra a Mãy de Deos. Entre todas as que viſitava aos Sabbados, era a de Penha de França, da qual ſe deſpedio antes de expirar, mandando que a trouxeſſem ao paço, naõ para lhe pedir ſaude para a vida, mas para lhe recommendar lembranças para a eternidade.

Na caridade com os pobres era inſigne, principalmente

na

na Semana santa: porque o exemplo de Christo Senhor nosso nos dar então atè o sangue das suas veas, era o motivo, com que com grande liberalidade abria os thesouros da sua grandesa.

Eu não duvido que quem teve tanta mão para as esmolas, se veja agora à mão direita de Deos para o premio. Oh como se acharà abundante de riquesas no Ceo a nossa Princesa! Porque as esmolas, que na terra se dispendem, saõ thesouros, que no Ceo se logrião, E como estes actos de caridade lhe nascião da benignidade, & brandura do coraçaõ, atè com o irracional executava piedades. Poucos dias antes de sua morte disse que desejava ver huma Aguia, porque nunca a tinha visto. Huma Aguia desejou ver a nossa Princesa? E porque naõ qualquer outra Ave? A rasaõ, que me occorre, pòde ser a natural sympathia, que com ella tinha; porque a Aguia he illustre, he fermosa, he entendida: entendida, porque he Aguia: fermosa, porque se renova: illustre, porque he Rainha das aves. Por isso pela semelhança das propriedades lhe nasceo sem duvida o desejo das vistas: & logo huma das senhoras, que estava presente, ou por mais obrigada, ou por mais favorecida, ou por mais cuidadosa em lhe faser o gosto, a mandou vir de parte distante da Corte, & lha appresentou, de que teve sua Altéza grande gosto: & disse que a recolhesse outra vez, para que naõ padecessé, ou perigasse no seu quarto, pelo estado em que se via. Oh singular benignidade! Oh discreta advertencia de hum animo compassivo! Entre os louvores grandes, que dà o Profeta Rey à providencia de Deos, he o cuidado, com que se lembra das aves, para que não pereçaõ, nem lhes falte o sustento: *Qui dat escam pullis corvorum invocantibus eum.* Psal. 146. 9.

Justamente escolhi para assumpto as palavras: *Veni de Libano, veni*; porque esta he a voz, com que ha de chamar Deos para a sua Gloria os que na terra se empregàraõ em piedades, & em clemencias: *Venite benedicti Patris mei.* Matth. 25. 34.

Porèm o que servio de esmalte, de adorno, de lusimento a todas as virtudes, com que illustrou este galhardo espirito,

foi a obediencia, que sempre teve a sua Majestade, q̃ Deos guarde: porque nem hum pucaro de agoa bebia nos ardores da febre sem licença expressa de sua Majestade; nem os ultimos Sacramentos recebeo, sem lhe dar primeiro parte. Finalmente para os suffragios de sua alma, esmolas, deixas, & legados alcançou faculdade de sua Majestade, que com grandiosa, & real liberalidade lhe concedeo. Bem se póde diser da nossa Real Princesa (quanto permitte o humano, & o divino) o que disse de Christo S. Paulo. Disse que fora obediente ao Pay atè a morte: *Factus obediens usque ad mortem*. Atè a morte obedeceo tambem ao pay a nossa illustrissima Isabel. E se pela obediencia atè a morte mereceo Christo a exaltaçaõ do seu nome: *Propter quod exaltavit illum, & donavit illi nomen, quod est super omne nomen.* Exaltado merece tambem ser por todas as partes do mundo o nome felicissimo da nossa soberana Princesa Isabel Luisa Josepha: porque foi obediente atè a morte: *Obediens usq̃ ad mortem.*

Ad Phil. 2. 8.

Ibid. 9.

E se na terra o nome merece esta exaltaçaõ pela obediencia, que sempre teve a sua Majestade, no Ceo exaltado merece ser o seu espirito pela puresa da consciencia, com que deste mundo partio. Na ultima confissaõ foi necessario ao Confessor (que foi o Doutor Bartholomeu do Quental, bem conhecido por suas virtudes, & letras) diserlhe (como depois de sua morte declarou) que dèsse materia certa, & determinada para a absolver. Tão examinada estava áquella consciencia, taõ unida com Deos aquella alma, que nem àtomos descobria jà nella para manifestar. Oh como se pòde accommodar agora (quanto permitte a rasaõ) à nossa Real Princesa de Portugal, o que disse Salamaõ pela Princesa do Libano! *Macula non est in te!*

Cant. 4. 7.

Esta foi a causa, porque as ultimas palavras, que disse antes de expirar, foraõ dar graças a Deos nosso Senhor, disendo, graças a Deos. Com estas se despedio do mundo, com estas entregou nas mãos de Deos o espirito, & com estas nos deixou a consolação de entendermos, que quem tinha as graças

graças na bocca, não deixaria de ter a graça no coraçaõ. O mais constante espirito, que teve o mundo, quando se vio despojado de todos os bẽs, que possuhia, deu graças a Deos: *Dominus abstulit, sit nomen Domini benedictum*. Porèm a nossa soberana Princesa atè da morte deu graças. Perder as grandesas, perder o estado, perder as esperanças, & louvar a Deos, he ser constante na Fè: porèm perder tudo isso, & sobre tudo isso a mesma vida, & louvar ao Creador, he finesa com que a Fé se exalta, a Religiaõ se confirma, & Deos se alegra. Disia Seneca q̃ o espectaculo mais digno dos olhos de Deos, era ver hum varaõ forte conforme com a sua desgraça: *Ecce spectaculum dignum, ut Deus respiciat: Vir fortis cum mala fortuna compositus*. Pois se ver hum varaõ forte conforme com a sua desgraça, he digno espectaculo dos olhos de Deos: ver huma Real Princesa na flor da idade tão illustre, tão fermosa, tão discreta, com tantas esperanças, com tantos applausos, com tantas acclamações, com tanto nome, com tantas virtudes, conforme com a sua morte, dando graças a Deos por lhe tirar a vida: que espectaculo mayor se pòde dar para assombro do mundo, para admiraçaõ dos Anjos, & para alegria de Deos? *Ecce spectaculum dignum, ut Deus respiciat.*

Iob.1.21.

Seneca.

Esta fostes, illustrissima, fermosissima, & discretissima Princesa, & senhora nossa. E porque tanto resplandecèraõ com vossas virtudes estas prendas, vos roubou Deos a nossos olhos, para vos ter sempre à sua vista. Como he mortal todo o bem dos mortaes: *Mortale est omne bonum mortalium*: para que as vossas perfeições passassem a ser immortaes, nos deixastes a nós, para vos desposardes com Deos. Assi como ereis retrato da Princesa do Libano nos extremos, assi lhe seguistes tambem no fim os passos.

Agora he que vos considero mais illustre, mais fermosa, & mais discreta; pois trocastes a discriçaõ inconstante pela firme, a fermosura temporal pela perpetua, a nobresa caduca pela sempiterna. Agora he que vossas grandes virtudes estão bem applaudidas, porq̃ agora as venero justamente premiadas.

Neste tumulo nos deixastes ás vossas cinzas. Este foi o beneficio grande, que todos neste dia recebemos; porq̃ nellas, & nelle temos para as nossas lembranças o motivo, & para os nossos desenganos a causa. Nesse glorioso lugar, em que piedosamente vos cõtemplo, rogai a vosso Esposo, & Senhor nosso pelas vidas de suas Majestades, & Alteza q́ Deos guarde; que saõ o nosso mayor cuidado, a nossa mayor felicidade, & a nossa mayor esperança. Rogai tambem por quem com tanta majestade, & grandesa levantou este lusido, & grandioso Mausoleo para monumento immortal das suas saudades. Lembrai-vos tambem de todos os que assistimos a estas vossas honras, cujas lagrymas saõ os melhores epitàfios deste tumulo; cujos suspiros saõ os mais claros indicios da nossa dor: & pedi a Deos, que os sentimentos da vossa morte sejão infalliveis desenganos da nossa vida. E em virtude de todos vos prometto, que nas nossas memorias viverà eternamente entalhado o vosso nome, as vossas virtudes, & os vossos louvores: *Semper honos, nomenque tuum, laudesque manebunt.* E por todos repetirei com mayor rasaõ que Tacito, o que elle disia do seu Agricola: *Quidquid amavimus, quidquid mirati sumus, manet, æternumq́ manebit in animis hominum, in æternitate temporum.*

Virgil.

Tacito in vita Agricolæ.

LAUS DEO.